

mente relevante pois sua criação está intimamente relacionada ao desenvolvimento de ciência e tecnologia. O uso da guitarra, que se confunde com esse estilo musical, depende de eletricidade para produzir a distorção do som, reflexo das profundas transformações ocorridas após a Segunda Guerra Mundial. “Essa relação do rock com a ciência e tecnologia se consolida não apenas pela

temática em algumas das letras ou nome dos conjuntos, mas também pela própria manifestação de sua musicalidade, seja nas suas condições de produção ou na forma de tocar, uma vez que a eletricidade é fundamental em sua execução”, afirma Gomes.

O rock nasceu nos Estados Unidos ainda nos anos 1940, mas o primeiro grande sucesso só veio em 1952, com a canção “Rocket 88”, de Ike Turner. O título se referia ao clássico carro V8 Oldsmobile 88, conhecido como o mais veloz dos Estados Unidos. Depois ele se popularizou com guitarristas exímios como Chuck Berry, Bo Diddley e Buddy Holly, Erick Clapton, Jimi Hendrix e Jimmy Page.

Emerson Gomes pretende transformar o trabalho de pesquisa em livro para que as experiências de uso do rock no ensino de ciências possam chegar até os professores. “Acredito que o uso da canção pode ser, inclusive, associado ao uso de outros produtos culturais como filmes, documentários e experimentos lúdicos, tanto nos processos formais de ensino quanto em projetos de divulgação científica como feira de ciências, museus, entre outros”, conclui.

Germana Barata

ARTES PLÁSTICAS

80 ANOS DO GRUPO SANTA HELENA

Alfredo Volpi, Rebolo Gonsales e Mário Zanini eram decoradores, pintavam frisos e florões em casas, Fulvio Penacchi trabalhou com publicidade e tinha um açougue, Aldo Bonadei era pintor e bordador, Clóvis Graciano pintava postes e tabuletas de avisos para a Estrada de Ferro Sorocabana, Manuel Martins era ourives, Humberto Rosa, professor de desenho e Alfredo Rizzotti exerceu as atividades de torneiro mecânico, mecânico de carros e fresador. Todos eles eram também pintores que formaram, mesmo sem essa intenção, o Grupo Santa Helena, que este ano completa 80 anos.

O nome surgiu porque todos se conheceram quando trabalhavam próximos em salas transformadas em ateliês no palacete Santa Helena, edifício imponente no coração da cidade de São Paulo. De acordo com Enock Sacramento, curador de uma exposição em homenagem aos 80 anos do grupo, o Santa Helena surgiu espontaneamente, não realizou exposições exclusivas, não lançou manifestos, como fizeram alguns anos antes os artistas da Semana de Arte Moderna. “A maioria dos santelenistas era de origem italiana. Volpi e Pennacchi eram imigrantes; Bonadei, Graciano, Rizzotti, Rosa e Zanini, descendentes de italianos; Rebolo era filho de espanhóis e Manuel Martins, de portugueses. Eram, em sua maioria,



Capa de disco do Pink Floyd (1968), acima, e do Van der Graaf Generator (1971), que incluem canções inspiradas nos avanços científicos e na exploração espacial



Acesse e ouça as músicas de rock usadas na pesquisa

praticamente autodidatas, no sentido de não terem frequentado academias de arte; apenas Bonadei, Pennacchi e Rizzotti fizeram cursos na Itália e Graciano, por indicação de Portinari, foi aluno informal do pintor Waldemar da Costa (1904-1982). Rebolo e Zanini eram frequentadores das sessões de modelo vivo da Escola Paulista de Belas-Artes”, descreve Sacramento no catálogo na mostra “Grupo Santa Helena – 80 anos”, organizada pela

NOS MUROS DA CIDADE

Boa parte do grupo desenvolveu uma carreira no gênero da pintura mural no Brasil. Para Freitas, isso se deve à influência do fazer artístico italiano, das artes decorativas e da monumentalidade que influenciaram especialmente os artistas do grupo que estudaram na Itália, como é o caso de Clóvis Graciano. Mesmo após a dispersão do grupo nos anos 1940, seus membros continuaram a receber encomendas para decoração de residências e igrejas. Alguns exemplos estão na capela da usina de açúcar de Monte Alegre, em Piracicaba, interior de São Paulo, de Volpi, e a decoração em afresco da igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério, em São Paulo, de Penacchi. Ainda na capital, vários edifícios públicos receberam decorações feitas por artistas do grupo. No hospital São Luiz Gonzaga, no bairro do Jaconã, há murais de Volpi e Bonadei, pintados nos anos 1940.

Pro Arte Galeria, em São Paulo. “Como não conseguiam viver do produto do trabalho como artistas plásticos, eles se dividiam entre a arte e outros ofícios”, complementa.

ARTISTAS OPERÁRIOS Segundo um dos mais importantes estudiosos do grupo, o professor do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Walter Zanini (1925-2013), a origem operária e a ascendência imigrante são fundamentais para explicar a obra que produzem. “O que evidenciam é uma imaginária onde o proletariado está embutido naturalmente. Na sua evolução, recebem influências várias, sobretudo da pintura italiana, que lhes é em geral naturalmente familiar, e francesa”, afirma Zanini em artigo de 1995.

O Santa Helena surge em um cenário de transformação da cidade de São Paulo que, nas primeiras décadas do século XX, vive intenso processo de urbanização. É também na capital paulista que nasce um dos mais importantes eventos artísticos do país, a Semana de Arte Moderna de 1922. “O Grupo Santa Helena vem de uma origem diferente dos modernistas, tanto em termos de formação artística, como em relação ao seu lugar na sociedade. Eles eram formados em uma tradição ligada às artes decorativas e, por isso mesmo, pelo preconceito que esse gênero sofria no Brasil, só ganharam notoriedade de fato quando foram destacados nos textos de críticos importantes, como Mario de Andrade e Sergio Milliet”, acredita Patrícia Freitas, pesquisadora de história da arte do Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade



Casario, (óleo sobre tela), 1936, de Rebolão, mostra p

Estadual de Campinas (Unicamp). “Enquanto os chamados modernistas pintavam figuras e elementos da natureza brasileira, os santelenistas registravam as paisagens urbanas e os subúrbios paulistanos, um pouco à moda do que fizeram os pintores modernos franceses na virada do século XIX e XX”, diz.

Embora seja possível identificar características únicas em cada artista do grupo, os temas fabris e o mundo trabalho – como casebres operários, estações de trens, fábricas –, e também a paisagem da periferia, multidões urbanas, assim como lavadeiras junto ao rio ou crianças que brincam nas ruas são frequentes na arte santelenista. Eles captam essas cenas no centro da cidade e também em bairros como Canindé, Cambuci, Ipiranga e Casa Verde, mostrando uma cidade transformada pelas fábricas, “cenários



tra preferência por retratar o subúrbio



Trabalho é tema frequente entre santelenistas, como *Figuras 2*, de C. Graciano, 1957

de uma existência humilde prestes a desaparecer com a expansão urbana”, conforme escreve Zanini.

HISTÓRIA URBANA Para Freitas, em São Paulo, ao contrário do que aconteceu em outras cidades que se urbanizaram no final do século XIX e início do XX, os artistas consagrados como modernos demonstraram um interesse quase nulo pelas mudanças no perfil urbano. “Pelo contrário, o manifesto mais contundente do modernismo paulista clamou pela volta às origens e pelo resgate de um Brasil imaculado pelo estrangeiro, entendido aqui também como imigrante. Imigrante este que foi, em grande parte, o agente principal da própria urbanização de São Paulo”, explica. Neste contexto, ainda segundo essa pesquisadora, o que o Grupo Santa Helena fez, foi registrar de maneira muito particular, uma transformação na identidade de São Paulo e em suas paisagens. Um registro que nos

permite notar, por exemplo, como se espalhavam as fábricas e casas pelos subúrbios da cidade e como a própria malha urbana foi crescendo a partir do centro, até encontrar esses espaços e, por fim, absorvê-los. “Sem este registro, que é, es-

te sim, moderno, no sentido mais amplo da palavra, dificilmente teríamos pistas de como era a cidade naquele período pela visão dos artistas”, conclui.

Patrícia Mariuzzo

PALACETE SANTA HELENA

De arquitetura eclética, o Santa Helena foi projetado pelo arquiteto italiano Giacomo Corberi. Continha 10 andares e 38 metros de altura, era um dos prédios mais altos do centro de São Paulo na época em foi construído e considerado um dos mais luxuosos. De acordo com Freitas, o cenário do centro paulistano passava por uma verticalização, deixando para trás os vestígios do passado colonial e buscando transfigurar-se em um centro moderno, urbano, de acordo com o crescimento econômico e com as mudanças políticas e sociais pelas quais São Paulo passava. Durante seus anos áureos, entre as décadas de 1920 e 1940, o Santa Helena foi frequentado por artistas, intelectuais e políticos. No entanto, após abrigar o grupo de artistas que, com seus pincéis, contou parte da história da urbanização de São Paulo, o palacete Santa Helena também foi engolido pelo crescimento da cidade. No início da década de 1970, o edifício foi demolido para construção do metrô na Praça da Sé.